

## SOBRE TRABALHO E HOMEM NA FECUNDIDADE DO SER: UM ENSAIO CRÍTICO DO FILME *SI PÚO FARE*

Wesley de Jesus Barbosa<sup>105</sup>

**Resumo:** o filme *Si Púo Fare* serviu de disparador para refletirmos sobre as concepções de trabalho e loucura, assim como nos enriqueceu com elementos da experiência da Reforma Psiquiátrica italiana no sentido de revigorar o nosso olhar brasileiro sobre a luta antimanicomial e a estruturação da nossa reforma, principalmente, a partir da Constituição Cidadã (1988). A apresentação do filme e a elaboração deste ensaio crítico fizeram parte de uma disciplina sobre Saúde Mental do curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ministrada pelo professor doutor Rafael da Silveira Gomes e pela professora doutora Ariana Lucero, os quais sou muito grato pelas contribuições valiosas.

**Palavras-chave:** Reforma psiquiátrica; trabalho; loucura; cinema italiano; liberdade.

**Abstract:** the film *Si Púo Fare* served as a trigger for us to reflect on the conceptions of work and madness, as well as enriching us with elements of the experience of the Italian Psychiatric Reform in order to reinvigorate our Brazilian perspective on the anti-asylum struggle and the structuring of our reform, especially, from the Citizen Constitution (1988). The presentation of the film and the elaboration of this critical essay were part of a course on Mental Health of the Psychology course at the Federal University of Espírito Santo (UFES), given by Professor Doctor Rafael da Silveira Gomes and Professor Doctor Ariana Lucero, who I am very grateful for valuable contributions.

**Keywords:** Psychiatric reform; work; madness; Italian cinema; freedom.

### **Ao Trabalho!**

A ideia de que o trabalho dignifica o homem<sup>106</sup> é insuficiente, pois não explica nem o que é homem, nem o que é trabalho. O homem trabalha, e porque trabalha é homem. Outros

---

<sup>105</sup> Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia e doutorando em Filosofia pelo PPGFIL-UFES. E doutorando em Psicologia pelo PPGP-UFF.

<sup>106</sup> Prefiro usar a palavra homem em muitos momentos do texto porque não vejo o mesmo efeito produzido por esta palavra e outras, como humanidade ou mulher, para se referir ao antropoide *sapiens sapiens*. Se pode, evidentemente, problematizar porque o efeito não é o mesmo e, provavelmente, isto tem relação com uma história da humanidade como história dos homens como protagonistas da marcha e silenciadores deste distinto mais pungente de si que seria o sexo oposto. Porém, meu intuito é usar a palavra e produzir o efeito que está nela e não

animais também trabalham, manipulam instrumentos, intervêm no mundo no intuito de desenvolver formas eficazes de obtenção de alimentos e garantia da perpetuação de sua espécie. As abelhas trabalham, alguns primatas usam galhos de árvores para conseguir seus alimentos, felinos são caçadores implacáveis. Entretanto, nenhum animal faz do trabalho aquilo que o constitui de forma mais profunda, como o homem.

O desenvolvimento econômico dos últimos duzentos anos fez do trabalho algo instrumental e, a sua explicação economicista, a direita ou a esquerda, mistificou o trabalho a uma formulação corriqueira e trivial, porque ou o trabalhador destituído de seu saber de ofício foi alienado da produção ou porque o trabalhador como operador principal da máquina industrial assumiu o campo de parceiro no voo desta incólume locomotiva da História. Para uns o trabalho parece um pecado, para outros a beatificação do ser. Ambas as análises são apressadas e, grosseiramente ideológicas, no sentido cafajeste de se saber da artificialidade semântica do real, porque arbitrariamente atribuímos palavras às coisas para fundar sentido no mundo; e manipular essas palavras, esses dados, esses números e, mesmo, esta matemática financeira, tão límpida na sua natureza conceitual, para justificar e explicar o trabalho. Todavia, esse grande esforço traduz o trabalho como, somente, operação econômica, o que é cruelmente superficial e leviano. Mesmo assim, este novo trabalho, operou transformações colossais na dinâmica estrutural da História. Nunca vivemos tanto tempo. Nunca estivemos tão aptos a desenvolver máquinas, ideias e dinheiro. Nunca fomos tão poderosos quanto nos dias atuais. O trabalho na indústria, organizado, serializado, altamente predatório, covardemente explorador, transformou de uma vez por todas, as vidas de todas as pessoas do mundo, inclusive a dos explorados.

É no trabalho que se tem amigos. Por meio dele se consegue dinheiro para comprar alguma liberdade e, portanto, alguma autonomia. O labor diário aprofunda a humanidade do homem porque interioriza o fato de que somos poderosos o suficiente para transformar o mundo. O trabalho produz a arte, o conhecimento, o amor, a vida. Se existe, numa perspectiva marxiana e marxista, uma alienação do trabalho pela invenção fordista da linha de montagem na execução final de um Taylorismo radical e útil, ainda assim o trabalho no mundo contemporâneo dá ao homem o seu fecundo nutriente para viver, mesmo que este nutriente seja

---

é objetivo deste trabalho reorganizar o campo linguístico como a submeter-se ao despotismo de um politicamente correto, que muitas vezes, sacia-se com a vingança e a violência, ao invés de promover uma resposta mais criativa que corrompa a semântica moral judaico-cristã e faça da vida, experimento de uma existência obra de arte, capaz de colocar o valor dos valores em questão para transvalorar todos os valores morais na ultrapassagem do homem ao além-do-homem.

lutar por meio da organização sindical contra o sistema capitalista. Considero, para as pretensões deste ensaio, uma tarefa inócua promover uma diferenciação entre trabalho alienado e trabalho útil, já que o sujeito se forma em ambos. E isto não quer dizer que uma crítica ao Modo de Produção Capitalista não seja necessária, aqui pelo menos não é adequada. É importante salientar que o próprio Marx louvava a enorme proeminência inventiva da burguesia industrial.

Se o trabalho tem esta envergadura para o homem, como se fossem formas do ser que não poderiam estar separadas numa dicotomia dentro-fora, então a impossibilidade do trabalho é uma profunda inserção do homem no nada, na completa vacuidade, na intransigente falta de sentido de todas as coisas. Não é que o mundo faça algum sentido mesmo, numa determinação causal absoluta, indicativa de um *telos* fenomênico instaurador da paz e da felicidade. A paz e a felicidade são mitos criados pelo homem para organizar o mundo numa esperança capaz de fomentar no agora um trabalho qualquer que alcance uma meta arrebatadora e santificadora. Mas essa mentira cognitiva é importante para que a vida, mesmo sem sentido, se constitua como tal. Retirar do homem o trabalho, seja porque motivo for, é esmagá-lo na total impotência de si diante do desamparo que é ter a consciência de ser homem. Um desempregado não está só falido, ele está definhando, e a falta de comida é só parte do problema. Ser alimentado pelo Estado não é honroso (e no Brasil nem é tão assim também né!), porque a substância de estar na vida de forma consistente se perdeu no tédio produzido pelo tempo disponível imerso, angustiosamente, na sensação de impotência quase moral. O trabalho aliena o homem de sua dor existencial e de seu tédio basal. O desempregado vive um drama profundo e perigoso.

Ora, se a consciência de ser homem o faz trabalhador de um modo indissociável, no capitalismo, a diferença mais evidente do louco o torna “incapaz” de realizar trabalho, pois a indústria necessita de corpos capazes de funcionar de um modo regular, sem grandes oscilações observáveis ao comportamento<sup>107</sup>. Diante disso, ou se aprisionou o louco nos manicômios

---

<sup>107</sup> O uso desta palavra é totalmente ingênuo não existindo nenhuma alusão objetiva a Psicologia instrumental e pragmática devidamente aplicada ao modo de funcionamento da economia dos Estados Unidos da América. E a necessidade desta nota não deslegitima os estudos das ciências behavioristas e Cognitivo Comportamental. O debate mais adequado em termos de altos estudos teóricos é o da pergunta de se a desistência voluntária dos behavioristas sobre o problema do ser numa focalização excessiva no comportamento observável resolve o problema da angústia sobre algo que se repete num *Além do Princípio do Prazer*. Me parece que não, já que os cognitivistas, vem sugerir que algo da máquina humana se projeta no real como atividade corporal, requerendo do especialista saber qual peça do corpo não está devidamente ajustada e quando está bem ajustada que comportamentos produz. Diante disto, o debate não finaliza, se pode perguntar se a questão é de se a máquina funciona de forma harmônica e quando não, se está doente; ou ainda, será que a máquina tem que funcionar de forma harmônica ou nós cientistas que queremos que ela funcione de forma harmônica? A biologia e as ciências médicas, já vem mostrando que diversos eventos ocorrem de forma completamente aleatória. Os físicos, desde

porque seriam inúteis; ou quando Pineu os “libertou” foram tratados como coitados que deveriam ser tutelados pelo médico no sentido de torná-los mansos sujeitos, que obedientes, fossem capazes de observar, pacatamente, o transcurso de suas vidas como um indiferente passar dos dias. Se no século XIX se utilizava dos mais variados mecanismos de tortura para amansar os loucos, no século XX/XXI se tem os mais singelos comprimidos como meio humanizado da camisa de força. Até a Reforma Psiquiátrica, todo tratamento do louco não incluía o trabalho como ferramenta terapêutica.

A película *Si può fare (dá pra fazer)* é mais um exemplo primoroso da magnificência do trabalho humano. Direção de Giulio Manfredonia, produzido por Angelo Rizzoli e Andrea Rizzoli Jr e distribuído pela Warner Bros, é mais um daqueles notáveis filmes ao estilo dos italianos. Impressionante como a paixão do artista italiano, diria até do povo italiano, se evidencia envolvermente numa trama dramática, intensa, profunda, sem subterfúgios e, ao mesmo tempo, um enredo que consegue trazer leveza, reconfigurando a noção estética do cômico numa possibilidade dialógica com o absoluto sofrimento. Não acredito que seja trivial as similitudes de linguagem com *A Vida é Bela*. Na trilha sonora, Pivio e Aldo De Scalzi, souberam preencher de imagens as cenas de quadros em movimentos quando a música (italiana) arranca de dentro do espectador as lágrimas mais naturais capazes de conduzir a conexão

---

Planck e Heisenberg, indicavam, já no início do século XX, uma instabilidade congênita do fenômeno. Achei oportuno escrever esta nota para não parecer que os Analistas do Comportamento são malzinhos, feios, *cara de melão*, e os psicanalistas, esquizoanalistas e Analistas Institucionais, são bonitos, limpos e salvadores da humanidade. Aqui estamos preocupados com o debate democrático e amplo dos diversos saberes, no sentido de uma amplificação hermenêutica dos sentidos, e não verificamos as abordagens psicológicas como divergentes em si mesmas. Nos parece que muitas das dificuldades de aproximação entre os saberes da psicologia se deve a uma fé (o uso desta palavra não foi banal, a fé não é algo próprio dos crentes, ela é um antídoto, uma mentira necessária para que não sejamos aniquilados pela dor lancinante de uma existência constituída numa consciência que por mais esforço que faça, não resolve o problema da completa falta de sentido da vida, a não ser pela falsificação, pelo engodo, pelo sofisma; os crentes pelo menos creem, isto os faz sinceros, os intelectuais inventam a ficção de que seu saber não se sustenta na fé e por isso são dotados de uma suposta autoridade instrumental, a ficção da ficção, os intelectuais são ainda mais fracos que os crentes diante do desamparo); a impossibilidade dos saberes psicológicos se coordenarem numa comunhão profícua de leveza e cura, deve-se, em nossa humilde opinião, a uma fé transcendental a um Significante Mestre, de tal maneira sustentador da vida, que a possibilidade dialógica com o outro, mostra-se como uma aniquilação profunda de toda a cadeia significante e isto não é um julgamento moral de certo ou errado, bom ou mal, mas uma questão *Humana, demasiado humano*, de tal modo humana que nos impede a ultrapassagem ao além-do-homem. Como homens, temos medo da dor e a negamos, veemente, ao invés de a aceitarmos com jovialidade e alegria. Pela negação ainda podemos estar na vida, pela mentira temos oportunidade de respirarmos um pouco aliviados, apesar da compressão sobre os pulmões, pelo engodo acreditamos mais uma vez na torrente de sentido originária nos mantendo coesos a história de nossa raça (o uso desta palavra não foi trivial, dependendo de como o sujeito esta preso a um significante, o sentido desta frase pode ser racista porque seria impossível a um branco falar de raça sem ser racista, como se este branco não estivesse falando da espécie humana, mas não existem culpados ou errados, precisamos das paixões para mais uma vez continuar na vida) Por fim, nos esforcemos para que as torcidas organizadas fiquem nos estádios de futebol e os crentes nas suas respectivas igrejas, e como nenhum saber acadêmico explica o absoluto, e nem se pretende a isso, então estamos libertos do fanatismo para conseguir dialogar os conceitos e saberes com decoro, maturidade, superioridade e sofisticação.

imagem-som, homem-arte, a níveis elevados de emoção, pensamento e suavidade. Como se em Milan Kundera, em seu romance erótico *A Insustentável Leveza do Ser*, na sua alusão a Nietzsche, já estivessem as prerrogativas de uma interpretação da sétima arte italiana quando da discussão entre o peso e a leveza; o peso e a leveza na sua indissociabilidade acontecem em *Si può fare*.

O artista que queira usar de sua arte à militância de algum ideal precisa tomar cuidado para que sua arte não se torne um panfleto político que não sirva nem a política, nem a arte. A *Arte pela Arte* é pouco, a arte engajada como baluarte de uma conscientização capaz de vislumbrar uma reviravolta cognitiva nos sujeitos alienados pelo trabalho repetitivo é, demasiado, forçada e Iluminista. A arte “neutra” é uma mentira, a mentira da mentira, por isso a arte é política o tempo todo. Mas ao ser política o tempo todo não pode assumir para si a destruição dos grilhões de todos os explorados. A arte não salva, não liberta, não ilumina, não conscientiza, não educa, a enunciação de uma finalidade da arte é presunção dos espíritos cartesianos, ideário fagocitado pelas vanguardas revolucionárias do século XX, que não conseguem dar conta da angústia de um trabalho sem qualquer significado inicial ou final. A arte é inútil e isto é revolucionário. A arte está para *Além de Bem e Mal*. E Giulio Manfredonia traduziu muito bem a luta política da Reforma Psiquiátrica numa obra de arte que não fosse exageradamente política, quase pedante, ou uma mera trivialidade estética, ontologicamente impertinente, na sua ilusão de uma busca do Belo como a redimir o homem da ignorância de si pela assunção da obra de arte como experiência total do eu enquanto conhecimento absoluto, plasmando o espírito e as coisas como a ser tomado pela compreensão totalitária e final da vida num turbilhão inefável.

O filme de 2008 trata da *Cooperativa 180*. Uma cooperativa que servia para abrigar pessoas que foram libertas dos antigos manicômios, pela Reforma Psiquiátrica italiana, - em que seu expoente maior foi Pasaglia -, e que não tinham para onde ir, pois foram execrados da sociedade e/ou das famílias. Aqui não cabe contar a história do filme, para isto basta contemplar a obra de arte disponível na rede mundial de computadores. Mais interessante é trazer elementos pontuais em ordem cronológica ou não, para discutir os problemas concernentes à loucura. Ao mesmo tempo, que possibilite ao leitor o desejo de assistir a obra ou reintroduza novas perspectivas naquele que já conhece a película.

A reforma italiana esteve perto dos movimentos políticos de esquerda e Nello, sindicalista desempregado, assumiu a direção da Cooperativa. Desde o início esteve disposto a diminuir as hierarquias e mais, pretendeu fazer daquelas pessoas operantes de suas vidas. Então

a Cooperativa, de fato se tornou cooperativa e os loucos foram gradativamente destituídos de sua loucura como único elemento basilar e passaram a sócios de um negócio. Nello introduz aquelas pessoas no mundo do trabalho fazendo-as perceber-se como construtores: fabricantes de casas e de si. Ali o trabalho não foi utilizado como mera ocupação do tempo como a aliviar o tédio de uma vida ociosa. A atividade laboral lhes deu salários, portanto desejo de comprar, de ter determinados produtos, de não ter de perguntar a alguém sobre o que deveriam fazer para ser felizes. Um queria um carro, outra vestidos, aquele, férias, e tudo que queriam, poderia ser possível, se trabalhassem. Aprenderam a funcionar como uma equipe, os lucros, assim como os prejuízos eram compartilhados e, bastante curioso, a culpa por algum equívoco ou erro também.

Se já poderiam decidir sobre o que comprar e para quê, porque, do coletivo conseguem recursos para exercer a sua individualidade, então podiam decidir sobre os medicamentos que tomam e os tornam impotentes para o trabalho. Decidiram em assembleia pela redução das doses diárias. Puderam de novo ter desejos sexuais. Adquiriram pela primeira vez o direito ao amor. E como a todo aquele que ama, também tiveram que suportar a dor da decepção que a realidade dos gestos e palavras produz quando se apresentam como destruição daquela idealidade que o sujeito apaixonado projeta no outro. A moça mentiu para safar os brigões, mas ele não suportou ser atacado, novamente, pela outorga despotencializadora da loucura. Agora, ele sabia que era louco, mas sabia também que não era apenas louco. E ela, que não o reduziu a loucura nesta versão italiana de um conto de fadas, é pega em flagrante delito relatando a existência dele como insuficiência, negação, impossibilidade. Morreu por amor!

O louco que morre por amor é alguém que não fez uso regular dos medicamentos, outros que porventura morressem por amor, talvez fossem poetas. E aqui há um custo quando se critica o valor que alguns autores deram à loucura como uma existência tão genuína que seria a própria expressão artística da poesia. Evidente que fazer do louco poeta, apenas, é reducionismo e negligência, mas temos que tomar o cuidado para, de novo, não proibirmos o louco de ser poeta, poeta de sua própria vida, porque a poesia não pode ser maculada pela insanidade leviana do sujeito da desrazão. Diante do suicídio, todo o projeto da Cooperativa estava em risco e a polícia, com o seu poder sanitizador, estava em cima, querendo saber os pormenores da morte. Duas questões se colocam imediatamente: a primeira é a da cultura moral judaico-cristã não conceber de forma mais habitual, o suicídio, necessitando encontrar um culpado, uma justificativa, criando um lugar especial para o suicida no além-mundo. Segundo, que a morte por livre vontade de um louco é mais absurda ainda, pois sua consciência alterada o mortifica a não ter liberdade nem para morrer, porque como diria Dostoiévski em *Os Irmãos Karamázov*,

“se Deus está morto, tudo é permitido”, menos ao louco que não é filho nem de Deus, nem do nada, nem da vontade; sendo, Nello, provavelmente, o responsável pela tragédia. Todavia, a questão foi resolvida pelo laudo do psiquiatra que desde o início estava relutante àquelas novidades, mas percebeu que o trabalho realmente era bom. Este ponto é importantíssimo, pois coloca a discussão numa outra dimensão que escapa à noção preconceituosa de que os sujeitos médicos tem uma sede maldosa de controle, sádicos em si mesmos, e como se não houvessem contribuições construídas por esse saber médico.

Algo bastante intrigante ainda, é o sindicalista, que em algum momento do filme lhe atribuíram a alcunha de trotskista. Ele estava efetivamente engajado na Cooperativa, que tinha por objetivo produzir riqueza monetária para conquistar a autonomia daquelas pessoas pelo poder que o dinheiro oportuniza. Contraditório, mas nem um pouco incoerente, tanto com a trama desenvolvida como na prática terapêutica do trabalho. Sem querer entrar no debate sofre as origens do *Fim da História* em que Francis Fukuyama e Perry Anderson são os grandes protagonistas, mas a década de 1980 iniciou o declínio da *Era das Utopias*, o neoliberalismo tomava corpo e a União Soviética dava sinais de falência de seu Modo de Produção. Outrossim, o modo de sonhar da esquerda, mesmo no ambiente de sua crise mais profunda, poderia ser ingrediente para uma luta não economicista, na medida em que precisava dar uma resposta a onda Pinochet/Tacher/Reagen, e também na perspectiva de criar outros mundos em que as vidas pudessem se organizar livremente. (Sabemos que a instituição da reforma italiana é uma construção anterior, produto da *Era das Utopias*, que se consolidou nesta época.) O uso do trabalho na reforma psiquiátrica é um dispositivo que reintegra o homem a si mesmo, como dito no início, pois além da produção de riqueza e autonomização do sujeito, funda campos existenciais em que a vida parece fazer sentido de um modo insofismavelmente ontológico. Portanto, a discussão trabalhista da esquerda italiana, naquele contexto, autorizava a entrada do louco na engrenagem do capital, precisamente como estratégia de produção de sujeitos, porém, também como atividade subversiva no sentido de que ao lançar o louco no mundo do trabalho, escandalizava a sociedade, ainda tosca, preconceituosa, estúpida, demarcando a vida como uma multiplicidade incontável de possibilidades e que todos, sem nenhuma exceção, devem ter o direito de exercer a sua cidadania, ação política, e exercer o seu direito ao consumo e a propriedade privada, ancoradouros inquebrantáveis do capitalismo liberal. O burguês, na sua pureza hipócrita, vai ter que suportar o louco, não só porque ele trabalha e pode comprar, é um consumidor do burguês, mas porque terá que reeducar sua consciência moral e aceitar a vida em sociedade daquele sujeito estranho (o seu consumidor); que lhe é tão distinto, porque lhe é

tão próprio e particular, que se assusta extraordinariamente, querendo apartar-se do monstro que lhe escancara os demônios que vivem dentro de si. É melhor aceitar o louco que uma revolução marxista aos moldes de Moscou, *é pegar ou largar!*

Por fim, e, talvez, o mais significativo em termos terapêuticos, com o fim da aliança com Nello, eles descobriram mais uma vez que podiam fazer sozinhos. Na dinâmica entre o paciente e o médico, entre o paciente e o psicólogo, entre o usuário e o CAPS, entre os sócios e a Cooperativa, o que se pretende não é aprisionar o sujeito neste vínculo terapêutico, mas criar condições para que o sujeito tome posse da vida e a viva da forma que lhe aprouver, sendo protagonista de seu existir. Isto não é individualismo, nem o deslocamento do campo coletivo para o indivíduo, nem arautos de meritocracia. Este tomar as rédeas de sua própria vida só pode ser, na medida em que a pessoa se compreende pertencente a uma coletividade, a uma sociedade, a uma família; que se insere numa história da humanidade, numa história do seu país, numa história de si mesmo; que se percebe porta-voz de sua própria vida. E o trabalho faz isto, engaja o sujeito na história do mundo, e porque sente o peso e o poder do homem como tal, vivendo em sociedade, que pode administrar recursos para expansão de sua força numa vontade de poder incansavelmente saltitante. E isto não tem relação nenhuma com ganhar dinheiro, esta é uma dimensão mais evidente e explícita, mas isto ainda é pouco. Imagine se alguns dos trabalhadores que existiram na história e não foram reconhecidos (remunerados) em vida, tivessem desistido de trabalhar: as artes plásticas não teriam produzido tanto e a ciência talvez ainda estivesse funcionando ao sabor de orações, autoflagelações e sangrias.

O trabalhador se sente feliz se aquele trabalho o faz sentir o mais fundo de si mesmo e isto não tem relação nenhuma com ganhar mais ou menos dinheiro. O melhor salário do mundo pode ser o pior trabalho para um determinado sujeito. A escravidão e o subemprego não fazem o trabalhador feliz, porque todo labor precisa ser constitucionalmente livre para ser uma potência. A toda pessoa deve ser garantido, legalmente, o direito a um trabalho livre e isto contribui para a sua saúde mental. E se este trabalho livre for de algum modo, insalubre, desgastante, mal remunerado, deve ser garantido a liberdade de questionar essas condições. O trabalho, seja para quem for, se dá de forma livre para a consolidação da cidadania, autonomia e liberdade dos homens.

O louco como pagador de impostos (usando terminologias do capitalismo liberal) e consumidor loquaz das benesses da vida industrial é, pelo valor de seu trabalho, que transfigura a loucura em potência criativa, um cidadão, que reivindica a partir de suas concepções filosóficas e políticas pessoais, aquilo que achar mais conveniente. Sem que existam olhares

moralizadores como a diminuí-lo, seja com o deboche, seja com o silenciamento absoluto pela mortificação do sujeito. O trabalho não dignifica o homem, o louco, como se o homem de um lado, antes, executasse o trabalho, para depois, ser o homem que é. Só existe homem no trabalho, só existe trabalho no homem. O homem, mesmo desempregado, trabalha. Se o homem pudesse escolher não trabalhar, estaria escolhendo não ser. O homem não pode não ser, ele só pode ser e na medida em que é, trabalha. Se não trabalha num emprego formal ou informal, trabalha de outros modos, se está acorrentado numa masmorra, ainda assim trabalha, elabora, delira, sonha. O suicídio exige trabalho. O que se fez ao louco não foi apenas lhe impossibilitar o trabalho, se quis aniquilar toda possibilidade de trabalho, inclusive a mental pelo uso de medicamentos, e ao se fazer isto, quiseram transformar o louco num morto-vivo. Mas se ainda há uma fagulha de vida, esta trabalhará no sentido de fundar naquele homem, o homem que ele é na dimensão dos possíveis de que se pode ser.

### **Referências Bibliográficas**

- ANDERSON, Perry. *O Fim da História: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- CAMPOS, Rosana Onocko. *Clínica: a palavra negada – sobre as práticas clínicas nos serviços substitutivos de Saúde Mental*. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 25, n. 58, p. 98-111, maio/ago. 2001.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Demônios*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FUKUYAMA, F. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GABBAY, Rochelle. *Cidadania e Loucura: um paradoxo?*. Polêm!ca, v. 9, n. 3, p. 43 – 55, julho/setembro 2010.
- KUNDERA, Milan. *A Insustentável leveza do ser*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1983.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Osvaldo Coggiola (org.) SP. Boitempo Editorial. 2007.
- MARX, Karl (1859 [1977]) “Prefácio à Contribuição da Economia Política”, in *Karl Marx e Friedrich Engels – Textos 3*. São Paulo: Edições Sociais: 300-303. Originalmente publicado em alemão, 1859.

- NIETZSCHE, Friederich. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do Futuro*. Editora Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friederich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Editora Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friederich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Editora Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friederich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.
- NIETZSCHE, Friederich. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Editora Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, Friederich. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1978.
- NIETZSCHE, Friederich; DE SOUZA, Paulo César. *A Gaia Ciência*. Editora Companhia das Letras, 2017.
- VIENSENTEINER, Jorge Luiz. *Experimento e Vivência: a dimensão da vida como pathos*. Campinas, 2009.